
**VII Seminário do Núcleo de Estudos
Clássicos Eudoro de Sousa:**

*Formas de escravidão e liberdade na
Antiguidade Clássica*

12, 13 e 14 de novembro de 2018
Brasília – DF – Brasil

UnB | IL | LIP | NEC
www.nec.unb.br

PROGRAMAÇÃO COMPLETA

Agatha Pitombo Bacelar

Gilson Charles dos Santos

(org.)

Programação completa
VII Seminário do Núcleo de Estudos
Clássicos Eudoro de Sousa:

Formas de escravidão e liberdade na
Antiguidade Clássica

Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Universidade de Brasília

2018

VII Seminário do Núcleo de Estudos Clássicos Eudoro de Sousa:
Formas de escravidão e liberdade na Antiguidade Clássica

12, 13 e 14 de novembro de 2018
www.nec.unb.br

LOCAL

Fundação Darcy Ribeiro/Memorial Darcy Ribeiro (Beijódromo)
Campus Universitário Darcy Ribeiro (UnB)
L3 Norte
Asa Norte, Brasília/DF, Brasil

COMISSÃO ORGANIZADORA

Agatha Pitombo Bacelar (LIP/UnB)
Gilson Charles dos Santos (LIP/UnB)
Rodolfo Pais Nunes Lopes (FIL/UnB)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Agatha Pitombo Bacelar (LIP/UnB)
Gilson Charles dos Santos (LIP/UnB)
Jonas da Nóbrega (LIP/UnB)
Priscilla Gontijo Leite (UFPB)
Rodolfo Pais Nunes Lopes (FIL/UnB)

AGRADECIMENTOS

Agradecemos pelo apoio:

- das agências de fomento e unidades acadêmicas da UnB
- dos diretores e chefes de departamento de unidades da UnB
- das universidades que facultaram a vinda de seus professores para o Seminário
- da instituição que cedeu seu espaço para a realização do Seminário

VII SEMINÁRIO DO NÚCLEO DE ESTUDOS CLÁSSICOS EUDORO DE SOUSA (CEAM/UNB): “FORMAS DE ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA”

APRESENTAÇÃO

Um evento de natureza interdisciplinar, caso do VII Seminário do Núcleo de Estudos Clássicos Eudoro de Sousa, não pode contar com um tema fechado como eixo principal. Sugeriu-se, assim, não apenas uma generalização – a liberdade –, mas também seu oposto.

Cabem aqui, contudo, algumas palavras que, em vez de restringir os objetos que servem de fundo para o evento, pretendem iluminá-los. No lugar de definições, dão-se exemplos. O primeiro deles provém de Xenofonte (Xen. *Hell.* 1.6.23). Em 406 AEC, Calicrátidas captura 10 embarcações de Diomedonte, que consegue fugir. Em Atenas, mobilizam-se outros 110 navios para o resgate: “embarcaram todos os de idade militar, fossem escravos ou homens livres” (καὶ δούλους καὶ ἐλευθέρους). Como diferenciá-los? Demóstenes dirá que a diferença reside em que somente os escravos podem ser castigados fisicamente (Dem. 24.167 τί δοῦλον ἢ ἐλεύθερον εἶναι διαφέρει). Liberdade e escravidão estão inscritas nos corpos.

O segundo exemplo provém de Heródoto (Hdt. 5.78.1), para quem os atenienses aumentaram seu poder em razão da liberdade: sob a tirania, Atenas não era, na guerra, melhor do que as cidades vizinhas. Oprimidos pelo tirano como escravos pelo seu senhor, os atenienses eram covardes; uma vez livre, cada qual buscava o que lhe interessava (δηλοῖ ὅν ταῦτα ὅτι κατεχόμενοι μὲν ἐθελόκακεον ὡς δεσπότη ἐργαζόμενοι, ἐλευθερωθέντων δὲ αὐτὸς ἕκαστος ἐωυτῷ προεθυμέτο κατεργάζεσθαι). Liberdade e escravidão são forma de política – ou “não-política” também, consideradas todas as dimensões e os arranjos da vida pública.

O último exemplo é retirado de Cícero (Cic. *Phil.* 1.14). Ameaçado por Marco Antônio, que se apropriara dos planos de governo de Júlio César e planejava executá-los como bem entendesse após o assassinato do ditador, Cícero toma a palavra no senado e, sem medo, incita os magistrados a se rebelarem: “Não transijo com a ameaça de me pronunciar. Basta que eu receba permissão de comparecer a este local” (*potestas modo veniendi in hunc locum sit: dicendi periculum non recuso*). O local é a Cúria. O medo é o do silêncio, com o qual o orador não negocia. Frente à tirania, liberdade e escravidão são as condições de quem pode falar ou não.

Os trabalhos apresentados neste Seminário possuem a prerrogativa de se deter em quaisquer aspectos dos objetos temáticos. Visam a ampliar o debate sobre conceitos essenciais das comunidades antigas e a elaborar novas questões para futuros pesquisadores. O esforço racional de repensar/reelaborar/compreender esses conceitos em sua historicidade, em seus desvios, em suas armadilhas e em suas conquistas serve para nos acercarmos daquilo que é fundamental para nossa civilização.

Gilson Charles dos Santos

Coordenador do Núcleo de Estudos Clássicos Eudoro de Sousa no biênio 2018-2019

PROGRAMAÇÃO GERAL

Todas as atividades da programação geral serão realizadas no Auditório do Memorial Darcy Ribeiro (Beijódromo) – UnB.

SEGUNDA-FEIRA, 12 DE NOVEMBRO

10h00 - Abertura
10h30 - 12h00 – Conferência 1: “Plutarco e a malícia de Heródoto” (Maria Aparecida de Oliveira Silva, UNIFESP)
12h00 - 14h00 – Almoço
14h00 - 15h40 – Minicurso “Em torno de Dioniso *Eleuthereús* (libertador)” (Agatha Pitombo Bacelar)
15h40 - 16h00 – Intervalo
16h00 - 18h00 – Mesa de Estudos de Poesia Antiga
18h00 - Lançamento de livros

TERÇA-FEIRA, 13 DE NOVEMBRO

10h30 - 12h00 – Conferência 2: “O uso retórico da liberdade em Demóstenes” (Priscilla Gontijo Leite, UFPB)
12h00 - 14h00 – Almoço
14h00 - 15h40 – Minicurso “Em torno de Dioniso *Eleuthereús* (libertador)” (Agatha Pitombo Bacelar)
15h40 - 16h00 – Intervalo
16h00 - 19h00 – Mesa de Estudos de Retórica Antiga

QUARTA-FEIRA, 14 DE NOVEMBRO

10h30 - 12h00 – Conferência 3: “Refutação e Liberdade no *Górgias* de Platão: atividade filosófica entre o aprazível e o benéfico” (Anastácio Borges de Araújo Júnior, UFPE)
12h00 - 14h00 – Almoço
14h00 - 15h40 – Minicurso “Em torno de Dioniso *Eleuthereús* (libertador)” (Agatha Pitombo Bacelar)
15h40 - 16h00 – Intervalo
16h00 - 18h00 – Mesa de Estudos de Filosofia e História Antiga
18h00 - Encerramento do evento

CONFERÊNCIAS

SEGUNDA-FEIRA, 12 DE NOVEMBRO

10h30

Conferência 1: “Plutarco e a malícia de Heródoto” (Maria Aparecida de Oliveira Silva, UNIFESP)

RESUMO: Em seu tratado intitulado *Da Malícia de Heródoto*, Plutarco traça um debate diacrônico entre o presente e o passado, pois, ainda que inicialmente declare seu interesse em defender seus antepassados, coríntios e beócios, sua ação resulta em recontar a história herodotiana de modo a corresponder à sua visão idealizada da Grécia. Para a construção de seu discurso e a desconstrução da interpretação herodotiana do mundo grego, Plutarco atribui à narrativa de Heródoto um conteúdo malicioso mediante o qual o historiador distorceria as provas dos fatos e selecionaria os piores relatos dos registros. No entanto, a análise do discurso de Plutarco revela que suas acusações também se aplicam à sua narrativa, isto é, ele igualmente se demonstra malicioso em sua leitura da obra de Heródoto, especialmente quando distorce e reinterpreta o relato do historiador. Assim, nesta palestra, analisaremos as razões que fundamentam a manipulação plutarquiana do relato herodotiano.

TERÇA-FEIRA, 13 DE NOVEMBRO

10h30

Conferência 2: “O uso retórico da liberdade em Demóstenes” (Priscilla Gontijo Leite, UFPB)

RESUMO: Demóstenes desde a Antiguidade é considerado um modelo de primazia retórica e sua imagem passou a ser associada à luta pela liberdade dos atenienses diante do avanço do poderio dos macedônicos. Portanto, em diversos momentos, o orador utiliza o tema da liberdade para conseguir atrair a simpatia de sua audiência. O objetivo da presente conferência é demonstrar alguns exemplos do uso retórico da liberdade, e como esse aspecto se relaciona com um ideal de democracia. Para nossa análise, também demonstraremos como o contrário da liberdade, a escravidão, pode ser utilizado tanto para reforçar esse ideal quanto para caracterizar o adversário como um mau cidadão.

QUARTA-FEIRA, 14 DE NOVEMBRO

10h30

Conferência 3: “Refutação e Liberdade no *Górgias* de Platão: atividade filosófica entre o aprazível e o benéfico” (Anastácio Borges de Araújo Júnior, UFPE)

RESUMO: Se a escravidão é uma prática que remonta a tempos imemoriais, a liberdade, enquanto experiência refletida, surge, inequivocamente, entre os gregos e é ali defendida, pela primeira vez, como algo desejável. Entretanto, entre o surgimento do humano livre que se opõe ao escravizado até o ideal de humano livre como aquele que age visando a si mesmo, muitas nuances e ideais de liberdade surgirão entre os helenos, de modo que podemos dizer que há naquele ambiente grego, muitas concepções rivais de liberdade. Os diálogos de Platão são, nesse sentido, enquanto encenações ficcionais de situações de investigação e debate, fontes inestimáveis onde podemos encontrar diferentes concepções de liberdade, pois vemos ali, representadas pela escrita do filósofo, muitas vozes éticas e políticas que podem nos ajudar a compreender melhor e delimitar de modo mais nítido, estes múltiplos sentidos do termo liberdade. Neste trabalho tentaremos examinar como no diálogo *Górgias* a noção de *eleuthería*, depois de surgir como ideal de certo poder sobre outros humanos, vai sendo, pouco a pouco, confrontada pelo personagem Sócrates, nos embates que se seguem com Górgias, Polo e Cálicles, de tal modo que esta noção sofrerá uma mudança essencial, ou seja, passará do âmbito das relações humanas para a alçada própria do humano, isto é, na relação que possui consigo mesmo. Essa mudança produzirá um efeito inesperado no exame do tema da retórica, pois, como veremos, se os defensores da retórica, neste diálogo, advogam que essa arte é útil na medida em que ela constitui uma maneira de exercer domínio sobre os outros através da persuasão, Sócrates, diferentemente, tentará demonstrar que a única libertação possível é aquela que examina as opiniões e refuta as menos confiáveis, livrando o humano das ilusões do conhecimento, torna-o capaz de agir de acordo consigo mesmo, produzindo, então, outra concepção de liberdade.

CONFERENCISTAS

Anastácio Borges de Araújo Junior - Psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP em 1990), Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE em 1999), com dissertação sobre Platão e Freud, e Doutor em Filosofia Antiga pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP em 2005) com tese sobre ontologia em Platão. Depois de um breve período que trabalhou como psicólogo na área de psiquiatria e saúde mental, seguiu então a carreira de professor universitário na área de Filosofia, trabalhou em diversas instituições como a Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pesquisa temas em Filosofia Antiga, com ênfase em Platão e Aristóteles. Atualmente é Professor Adjunto 3 do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Membro da International Plato Society – IPS e sócio e ex-presidente da Sociedade Brasileira de Platonistas - SBP. É líder do Grupo de Pesquisa DYNAMIS: Filosofia Antiga e Seus Desdobramentos (CNPQ) e faz parte do Núcleo de Sustentação do GT Platão e Platonismo. Fez Estágio Pós-Doutoral entre setembro de 2012 e julho de 2013 na Università Degli Studi di Milano com supervisão do Prof. Franco Trabattoni e com apoio de bolsa CAPES.

Maria Aparecida de Oliveira Silva - Graduada em História (1996), Mestre em História Econômica (2002) e Doutora em História Social (2007) pela Universidade de São Paulo. Pós-Doutora em Estudos Literários (2010) pela Universidade Estadual Paulista. Pós-Doutora em Letras Clássicas (2012) pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Grupo Heródoto/Unifesp. Professora Orientadora Ad-hoc do PPGH/UnB. Líder do Grupo CNPq LABHAN/UFPI. Pesquisadora do Grupo CNPq Linceu/Unesp-Araraquara. Pesquisadora do Grupo Retórica, Texto y Comunicación da Universidad de Cádiz. Membro do Conselho Acadêmico do Seminário de História e Filosofia das Religiões da Universidad Autónoma de Ciudad Juárez - México. Autora de "Plutarco Historiador: Análise das Biografias Espartanas", Edusp, 2006 e "Plutarco e Roma: O Mundo Grego no Império", Edusp, 2014. Publicou o Estudo seguido de Tradução e Notas de Plutarco. "Da Malícia de Heródoto". (Edição Bilíngue) Edusp/Fapesp, 2013 e Estudos e Tradução de Plutarco. "Epítome da Comparação de Aristófanes e Menandro", com Ana Maria César Pompeu e Maria de Fátima Sousa e Silva. Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, 2017. Coorganizadora de "A Tradição Clássica e o Brasil", Fortium/Archai-UnB, 2008; "Política e Identidades no Mundo Antigo", Annablume/Fapesp, 2009; "Ensaio sobre Plutarco. Leituras Latino-Americanas", Edufpel, 2010; "Um Outro Mundo Antigo", Annablume/Fapesp, 2013; "Plutarco entre Mundos: Visões de Esparta, Atenas e Roma", Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, 2014; "Heródoto e Tucídides: História e Tradição", Eduesb, 2016; "Deuses, Mitos e Ritos do Egito Antigo",

Nea, 2017 e "A Ideia de História na Antiguidade Clássica", Alameda/Fapesp, 2017. Atualmente, traduz os nove volumes de Histórias, de Heródoto, para o selo Edipro, com os seguintes volumes publicados: Livro I - Clio (2015), Livro II - Euterpe (2016) e Livro III - Talia (2017).

Priscilla Gontijo Leite - Professora Adjunta de História Antiga da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutora em Mundo Antigo pela Universidade de Coimbra e mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisa temas relacionados a retórica, democracia e religião na Atenas Clássica, coordenando projetos na área de pesquisa e ensino. Possui publicações no Brasil e no exterior e é autora dos livros "Ética e retórica forense: *asébeia* e *hýbris* na caracterização dos adversários em Demóstenes" (2014) e "Religião e jogos de poder: o Contra Mídias de Demóstenes" (2017)

MINICURSO

Em torno de Dioniso Eleuthereús (libertador)

Agatha Pitombo Bacelar (LIP/UnB)

12, 13 E 14 DE NOVEMBRO, DE 14H00 A 15H40

O minicurso se dedica à figura de Dioniso *Eleuthereús*, o Deus celebrado nas Grandes Dionisiacas na Atenas do período clássico, festa em que ocorriam os concursos de espetáculos teatrais. Tomaremos como fio condutor as possíveis significações da epiclese *Eleuthereús*:

1. Como topônimo, remetendo à cidade de Eleutera, situado na fronteira da Ática com a Beócia, e à lenda que se supõe ser uma narrativa de fundação da festa ateniense, segundo a qual a população da Ática é forçada a reconhecer e introduzir o culto de *Eleuthereús* por uma doença enviada pelo deus - significação de impacto importante nas reconstituições modernas das Grandes Dionisiacas, que fazem a festa se iniciar anualmente com um *reenactment* da chegada da estátua do deus a partir da cidade de Eleutera;

2. Como derivado de *eleuthería*, “liberdade”, substantivo que adquire valor político no século V a.C, tornando-se um dos conceitos fundamentais do discurso democrático ateniense- significação também explorada nos estudos modernos que investigam a afirmação de uma ideologia cívica ateniense nos atos rituais das Grandes Dionisiacas;

3. Aproximando-a de outra epiclese de Dioniso, *Lúsios*, e, a partir daí, dos efeitos que outras práticas culturais vinculadas ao deus exercem sobre os humanos: a liberação decorrente da embriaguez e da dança extática - significação que nos permite situar o culto ateniense de Dioniso *Eleuthereús* no contexto mais amplo do dionisismo antigo, e que pode ser articulada com o sentido toponímico da mesma epiclese (“vindo de Eleutera”) e com uma possível função bem específica dos atos culturais da celebração ateniense: a de fazer cessar a doença da narrativa de fundação da festa.

MESAS DE ESTUDOS

SEGUNDA-FEIRA, 12 DE NOVEMBRO

MESA DE ESTUDOS DE POÉTICA

16h00 a 18h00

1. “Rapsodo em performance: Abertura da *Ilíada*” (Marcus Mota – UnB)

RESUMO: Após o próêmio, temos o embate entre Agamêmnon e Crises, com consequências terríveis para as tropas helênicas. O modo como este episódio, chamado de ‘Ilíada em miniatura’ por R. Rabel, é organizado, nos coloca diante dos procedimentos de um rapsodo em prover um imaginário auralmente orientado para sua recepção (RABEL 1997). Tais procedimentos serão explicitados por meio de detalhada análise da cena. Para tanto, será utilizada uma intersecção entre filologia e estudos da performance, *know-how* desenvolvido no Laboratório de Dramaturgia da Universidade de Brasília, que completa 20 anos em 2018 (MOTA 2008, MOTA 2013, MOTA 2015).

2. “Entre Comédia e Tragédia: a Dramaturgia de *Édipo Rei* 2017” (Denivaldo Camargo de Oliveira - IESB)

RESUMO: “Entre Comédia e Tragédia: A Dramaturgia de *Édipo Rei* 2017” apresenta o processo de reescrita e de construção cênica da obra homônima de Sófocles no contexto da Palhaçaria. Questões de gênero literário, do uso e enclausuramento do mito num determinado gênero literário, do papel da mulher na comunidade grega antiga, da tirania da personagem apresentada na dramaturgia do autor, tudo isso foram questões discutidas e que, de alguma forma, fazem referência às formas de escravidão e liberdade na Antiguidade Clássica.

3. “Entre festas e ritmos: aspectos pragmáticos, performativos e musicais na mélica grega antiga” (Agatha Pitombo Bacelar – UnB)

RESUMO: Na Grécia arcaica e clássica, a poesia não era literatura – no sentido específico de não se associar necessariamente ao suporte escrito nem em sua produção nem em sua recepção. A poesia era, antes, performance: recitada ou cantada, frequentemente acompanhada de instrumento musical e dança. Dentre os gêneros poéticos gregos, a mélica coral pode ser definida como um supra-gênero ocasional, já que as convenções como temática, ritmo e melodia se definem conforme a ocasião de performance. Isto implica que as possíveis significações desses poemas não se esgotam em análises estritamente semânticas, mas fazem interagir a semântica com a pragmática e com aspectos prosódicos, rítmicos e musicais de seus versos. O projeto “Entre festas e ritmos” propõe romper com as tendências logocêntricas da redução de performances

vocais destinadas a ocasiões rituais a artefatos gráficos supostamente atemporais. O projeto acolhe, assim, estudos de caso nos Planos de trabalho de estudantes, voltados tanto para a ancoragem pragmática e performativa de um poema em sua ocasião histórica de execução, quanto para a aprendizagem de sua escansão rítmica, propondo experimentos criativos de vocalização em grego antigo como instrumentos pedagógicos para um acesso a suas dimensões sonoras. A presente comunicação fará uma apresentação geral do projeto.

4. “Aspectos performativos e musicais do *Ditirambo II*, de Píndaro” (Victor Eduardo Souza Campos – UnB)

RESUMO: A presente comunicação tem por objetivo a apresentação dos resultados parciais da plano de trabalho vinculado ao projeto “Entre festas e ritmos: aspectos pragmáticos, performativos e musicais da mélica grega antiga”. A pesquisa se dedica à análise do *Ditirambo II*, de Píndaro, e para tanto prevê: 1) um estudo de sua ocasião de performance na Grécia Antiga, sugerindo uma identificação possível da festa para a qual foi composto e observando seus mecanismos de ancoragem enunciativa; 2) a escansão do poema, com experimentações vocais que buscam oferecer um acesso à sonoridade deste ditirambo; 3) uma proposta de tradução para o português do Brasil que transponha criativamente os experimentos rítmicos e melódicos a partir da escansão do poema em grego. Como a proposta de tradução criativa constitui a última etapa da pesquisa, a comunicação irá abordar algumas das questões suscitadas pelos itens 1 e 2 descritos acima, apresentando um primeiro esboço de tradução, ainda sem se ocupar de sua musicalidade.

5. “Aspectos performativos e musicais do terceiro estásimo da *Antígona*, de Sófocles” (Matheus Ely Cordeiro de Lima Vieira Pessoa – UnB)

RESUMO: Dentro do projeto “Entre festas e ritmos: aspectos pragmáticos, performativos e musicais da mélica grega antiga”, o presente trabalho surge com o intuito de propor uma pesquisa a respeito dos cantos corais trágicos, circunscritos nas tragédias que eram apresentadas — dançadas, cantadas, encenadas — nas Grandes Dionísias, na cidade de Atenas. Tendo em vista que na Atenas clássica os espetáculos de poesia trágica eram designados pela expressão *tragikoi khóroi* (coros trágicos), à primeira vista não se teria demasiada dificuldade em incluir as partes corais das tragédias de Ésquilo, Sófocles e Eurípidés na tradição mélica. A pesquisa tem como *corpus* para este trabalho o terceiro estásimo (*Hino a Eros*, vv. 781-882) da *Antígona*, de Sófocles (422 a.C.), e objetiva analisar esse poema coral sob um ponto de vista não somente textual, mas também performático, tentando reconhecer, identificar e recriar (criativa e livremente), tanto em grego antigo quanto em português brasileiro, sua musicalidade, por meio de experimentos tradutórios. Nesta

comunicação, portanto, apresentaremos os resultados parciais da pesquisa em curso.

TERÇA-FEIRA, 13 DE NOVEMBRO
MESA DE ESTUDOS DE RETÓRICA
16h00 a 19h00

1. “A construção do *éthos* por Apolodoro na ação *Contra Pólicles*: uma análise a partir do conceito de *éthos* na *Retórica* de Aristóteles” (Gustavo Araújo de Freitas – UnB)

RESUMO: Na ação *Contra Pólicles* (Demóstenes 50), a acusação de Apolodoro contra seu sucessor na trierarquia, que se recusara a assumir no prazo legal, é muito menos pautada na “demonstração” do que em uma narrativa carregada dos mais diversos elementos estilísticos com o intuito de construir um *éthos* (caráter) do autor e do réu, inclusive recorrendo-se a entrecos dialogados, com a clara intenção de suscitar o *páthos* (emoção) nos juízes. Certamente, a postura de Apolodoro não é muito distinta da prática contra a qual Aristóteles se voltava ao defender uma retórica mais demonstrativa, mais centrada no fato em si. De todo modo, não se pode esquecer que o próprio filósofo também não fechou os olhos para a eficiência da prática vigente, e não só reconheceu a efetividade daquilo que estaria “fora [do âmbito] da demonstração” (*exo apodeixeos*), como concedeu longas seções da *Retórica* ao *éthos* do orador e ao *páthos* do auditório. Meu intuito nessa exposição é mostrar justamente como Apolodoro constrói o seu *éthos* e o de seu adversário, valendo-me desse conceito basilar da teoria retórica tal como apresentado por Aristóteles na sua *Retórica*.

2. “As vozes indiretas: testemunhos de escravos sob ameaça ou tortura em *Lísias*” (Marco Valério Classe Colonnelli – Universidade Federal da Paraíba)

RESUMO: Os testemunhos, junto às provas escritas, constituem as principais provas não técnicas em um discurso jurídico na Grécia do período clássico. Mas diferentes eram os tipos de testemunhos quando provenientes de escravos ou de cidadãos livres. No caso dos primeiros, o seu testemunho estava condicionado à ameaça ou à tortura. A prática da ameaça de escravos era reconhecida como uma das formas de se obter um testemunho válido para o processo. Aristóteles, em sua *Retórica* (1377a), a nomeia como uma das formas de testemunho com credibilidade, a depender de sua função no processo em curso. Em *Lísias*, em alguns de seus discursos, podemos perceber nitidamente o uso de tais provas com funções específicas a depender do interesse do orador. É preciso então analisar como, em cada um desses discursos, o testemunho sob tortura, efetivado ou não, possui uma aplicação própria.

3. “Caricléia, uma demagoga no romance grego *Etiópicas*, de Heliodoro”
(Geruza de Souza Graebin – Universidade de Lisboa)

RESUMO: O romance grego tem como tema central uma história de amor entre um casal que, para chegar ao final feliz, precisa passar por inúmeras aventuras. As heroínas dessas tramas são todas excepcionalmente belas e, por isso mesmo, exercem grande poder de atração e persuasão. Dentre todas as personagens femininas dos cinco romances que chegaram até nós, a protagonista das *Etiópicas*, Caricléia, destaca-se pelo uso não apenas de sua beleza, mas também de sua capacidade retórica. Ela é bela e sagaz (καλή και σοφή). Em uma sociedade culturalmente patriarcal, na qual o ensino formal (παιδεία) era um privilégio voltado, sobretudo, para a formação de oradores e políticos do sexo masculino, a cena do romance em que Caricléia rompe o silêncio e discursa numa assembleia é insólita (1.21-23). Numa posição claramente inferior - por ser a única mulher da assembleia e na condição de prisioneira -, Caricléia utiliza-se da oportunidade de liberdade de expressão que lhe é dada para dominar a situação por meio da retórica. Tamanha liberdade e poder entregues nas mãos de uma mulher pelo autor do romance, logo nas primeiras páginas, faz de Caricléia uma heroína diferenciada, que luta, no campo retórico, com as mesmas armas do sexo oposto.

4. “Para além do sentido: a prática tradutória e a recepção aural da oratória ática em *Contra Evergo* e *Mnesibulo*, de Demóstenes” (Bárbara Cândido Menezes – UnB)

RESUMO: Este trabalho propõe uma reflexão sobre a prática tradutória e a recepção aural, partindo de uma análise crítica de traduções do grego de um projeto de Demóstenes que está se desenvolvendo por integrantes do grupo RHETOR. O objetivo é fazer a leitura crítica da tradução em diálogo com os tradutores. São utilizadas as traduções de determinados trechos de *Contra Evergo* e *Mnesibulo*, atribuído a Demóstenes, comparadas a outra, de Adele C. Scarfuro. Para este fim, foram feitas leituras de Meschonnic, que gera uma discussão acerca da necessidade de se refletir para além do signo e não se prender ao significado. Associando-se essa reflexão à de Gumbrecht, que propõe uma leitura para textos clássicos que vá além da interpretação e que tente recuperar elementos do original que vão além do sentido, com base em seu conceito de presença. Indaga-se, então, sobre como a tradução pode reconstruir um efeito da recepção e como a liberdade do tradutor interfere nessa produção de presença, sempre pensando em como intervir em uma tradição de leitura de traduções da prosa grega que não contemplam tais elementos. Em síntese, este trabalho busca gerar uma reflexão sobre a tradução da prosa grega performática, a fim de promover debates acerca da qualidade estética e da recepção aural que essas traduções possam ter no português.

5. “Performance de prosa grega antiga: aspectos tradutórios e de presentificação em *Contra Pólicles*” (Matheus Ely Cordeiro de Lima Vieira Pessoa – UnB)

RESUMO: O presente trabalho visa explorar a *performance* em prosa grega antiga mediante reflexões acerca do discurso *Contra Pólicles*, atribuído a Demóstenes. Tendo por base textos de Goldhill, Gumbrecht, Meschonnic e Zumthor sobre a cultura de performance e espetáculo, presentificação do passado e epifania, recepção e tradução, ritmo e oralidade, além da *Retórica* de Aristóteles, este trabalho investiga questões performáticas e retóricas presentes no discurso, considerando, por exemplo, a instigação do *páthos* sobre a audiência por parte dos oradores como análogas às apresentações de atores no teatro. Tencionamos, também, tornar não somente este, mas textos de prosa grega antiga em geral, mais presentes, mais tangíveis a nós (numa concepção gumbrechtiana), por meio de uma recepção oral/aural ao lermos tanto as traduções quanto os originais. Recorrendo à leitura do discurso em grego antigo, inglês e português, em voz alta, busca-se identificar e analisar pontos altos e baixos de efeitos patéticos com o intuito de reconhecer os aspectos de oralidade intrínsecos ao texto. Em suma, este trabalho objetiva uma reflexão e, conseqüentemente, uma discussão acerca de diferentes tipos de recepção, em âmbito aural, da prosa grega antiga e da maneira como esses textos são e continuarão a ser perpetuados por aqueles que os traduzem e leem.

6. “O *éthos* de uma cortesã: análise acerca da culpabilidade em *Contra Neera*” (Isadora Costa Fernandes – UnB)

RESUMO: Este trabalho propõe uma análise dos termos *hetaíra* (cortesã), *kósmos* (ordem), *hýbris* (descontrole), *sophrosýne* (temperança) e *philotimía* (amor à honra) e a suas influências no *éthos* de culpa da ré, Neera, no discurso judicial intitulado *Contra Neera*. A análise dos termos foi feita por meio de tradução e pesquisa filológica que tiveram como base a bibliografia secundária sobre cortesãs, outras obras contemporâneas ao discurso e a utilização de dicionários da língua grega. Os resultados da pesquisa demonstram que os termos foram usados para fazer um paralelo entre Neera e um ideal ateniense do papel social da mulher de maneira que a ré seja associada a um desvio de caráter que a torna parte não funcional dessa sociedade e, conseqüentemente, ajuda a compor a sua culpa. Conclui-se que os termos *hetaíra*, *kósmos*, *hýbris*, *sophrosýne* e *philotimía* associam Neera a um comportamento desviante e subversivo. Dessa forma, eles colaboram para a pré-disposição negativa da ré por parte dos juízes e, assim, fortalecem sua culpabilidade. Por fim, buscou-se com esse trabalho fomentar pesquisas sobre gênero e sexualidade nos estudos clássicos e colaborar com o estudo do *Corpus Demosthenicum* em desenvolvimento pelo grupo de retórica e oratória clássica, RHETOR.

7. “Cícero em sala de aula: relato de experiência de uma oficina sobre tópicos argumentativos” (Camila do Socorro Pinheiro Cardoso e Gabriel Melo de Paula – UnB)

RESUMO: O minicurso “Tópicos da argumentação” foi ministrado nos dias 24 e 26 de setembro, na Universidade de Brasília, durante a XVIII Semana Universitária da UnB, a alunos de graduação. O conteúdo, de cunho predominantemente prático, foi dividido em duas aulas, cujos propósitos envolviam apresentar o conteúdo de forma simplificada e resumida de modo a possibilitar que o aluno tivesse um suporte para realizar a atividade a seguir, e ao mesmo tempo sentisse a necessidade da complementação do assunto na próxima aula. O objetivo essencial do curso foi apresentar aos alunos duas técnicas argumentativas tratadas por Cícero, de modo a habilitar o estudante a ampliação de seus instrumentos retóricos. Quanto aos objetivos outros, menos imediatos, seriam eles, inicialmente, demonstrar a importância da retórica na prática acadêmica, tal como o conhecimento de suas técnicas poderia aperfeiçoar o dom retórico natural, além de estimular os debates de forma ponderada, sem que se confundisse com discussão, destacando assim a importância do debate como resolução de dilemas no atual cenário democrático.

QUARTA-FEIRA, 14 DE NOVEMBRO
MESA DE ESTUDOS DE FILOSOFIA E HISTÓRIA ANTIGA
16h00 a 18h00

1. “A possibilidade de liberdade feminina na ateniense do século V a.C.”
(Karolini Batzakas de Souza Matos - UNICAMP)

RESUMO: Falar do feminino é sempre uma prática política e de conquista de espaço, nessa perspectiva, acredito que seja de suma importância que os acadêmicos se pronunciem sobre a questão de gênero. Assim, o que se pretende com essa comunicação é tratar da questão de gênero dentro da Antiguidade Clássica, tendo como ponto central a contraposição de dois discursos que divergem na ideia de como a mulher grega se comportava. Para tal, utiliza-se o ideal da Mélissa, a mulher doméstica, que volta-se aos afazeres da casa, em contraposição às Bacantes, mulheres empoderadas que livres caminham até a floresta, a montanha e a lugares inóspitos, vivem com feras selvagens e clamam ao deus Dioniso. O objetivo aqui é confrontar essas duas possibilidades do feminino, compreendendo que o perfil de mulher da sociedade grega não é singular. Além disso, a partir do papel das Bacantes, pretende-se mostrar um pouco da constituição da liberdade feminina, que ocorria por meio da orgia, da bebida, ou mesmo pelo simples ato de sair de suas casas em direção ao caótico.

2. “Deificação dos reis macedônios: ‘liberdade’ civil sob as novas monarquias”
(Lucas Guilherme Cabral Guimarães – UnB)

RESUMO: O objetivo desta apresentação é analisar a forma com que a deificação dos reis macedônios se estabeleceu após as conquistas de Alexandre o Grande, tanto como um mecanismo político para legitimar as novas monarquias, quanto como uma prática religiosa. O culto aos governantes serviu como um meio de suavizar a relação entre as cidades livres e seus novos monarcas, tornando mais corrente a aceitação dos novos reis enquanto dirigentes legítimos. Esses cultos se consolidaram porque, assim como rituais de louvor, eram atribuídos aos deuses por causa dos benefícios conquistados pelas cidades, principalmente após guerras, como grandes riquezas, a vitória contra os inimigos e a consequente paz sobre a cidade, esses mesmos rituais passaram a ser adotados também pelos reis como objeto de suas honrarias.

3. “Mulheres helenísticas: uma abordagem metodológica” (Isadora Costa Fernandes – UnB)

RESUMO: Este estudo compara diferentes metodologias que são utilizadas em três pesquisas relacionadas em algum nível ao estudo de cortesãs e mulheres reais durante o período helenístico, nomeadamente *Polygamy, Prostitutes and Dead* por Daniel Ogden (1999), *Courtesans and Fishcakes* por James Davidson (1997) e *King and Court in Ancient Macedonia* por Elizabeth Carney (2015). Para tanto, foram estabelecidos os seguintes parâmetros de comparação: (1) como os autores criticam as agendas das fontes, (2) como abordam as mulheres na política helenística e (3) como entendem a presença das mulheres na sociedade helenística. Assim, este trabalho, ainda em desenvolvimento, propõe uma comparação entre os autores para que, ao final da pesquisa, seja feita a formulação de uma metodologia conjugada baseada nos três critérios supracitados para aplicação em pesquisas futuras sobre gênero nos estudos clássicos.

4. “A prestação de contas socrática: refutação enquanto libertação metodológica das opiniões no *Banquete* de Platão.” (Andre da Paz – UnB)

RESUMO: No desenvolvimento dos procedimentos filosóficos do método dialético nos diálogos de Platão, muitas das personagens com as quais Sócrates dialoga estão profundamente presas às suas convicções pessoais, como Cálicles, no diálogo *Górgias*, e Trasímaco, no diálogo *República*. Tais convicções pessoais não justificadas nem fundadas na verdade aparecem nos diálogos como *dóxa*. Com isso, ao não aceitar genuinamente a refutação socrática, por permanecerem presas às próprias convicções pessoais, presas à *dóxa*, as personagens são incapazes de ultrapassar a contraditoriedade de suas opiniões e buscar o saber. Este momento, no desenvolvimento metodológico da busca por saber, seria como um momento de libertação das próprias convicções. Abordaremos tal etapa metodológica na busca por saber no diálogo *Banquete*, especificamente

na intervenção de Sócrates após o discurso de Agatão (198a-201c). Este momento é um dos exemplos da tentativa da personagem Sócrates de possibilitar a liberdade das amarras das convicções pessoais contraditórias que impossibilitam a busca por saber nos *Diálogos*. Isto posto, a relação do presente problema com o eixo temático do evento está na tentativa de levar a efeito uma reflexão sobre a aceitação da refutação como a libertação das convicções pessoais na busca pela verdade.

5. “Sócrates ou Trasímaco? O Platão de Al Farabi e a filosofia em tempos de perseguição” (Elvis de Oliveira Mendes - Universidade Federal de Goiás)

RESUMO: Sócrates ou Trasímaco? A verdade ou a segurança? Al Farabi, o primeiro filósofo do mundo Islâmico, constrói sua ciência política através dos ensinamentos de Platão e Aristóteles. Não por acaso, a escuta atenta com relação aos clássicos acerca da vida na *pólis*, da busca do belo, da virtude e da vida feliz, parece familiar ao filósofo turco, já que seu cenário se assemelha em muito com o vivido pelos filósofos clássicos, a saber: um clima de tensão radical entre a filosofia e a cidade onde a técnica da linguagem era uma questão de vida ou morte. Sendo assim, o objetivo precípuo desse estudo é mostrar de que maneira Al Farabi estabelece bases platônicas para sua filosofia política e para uma vida filosófica (*Falasifa*) numa sociedade caracterizada por uma atmosfera fundamentalmente religiosa. O tema proposto possui relação íntima com o eixo temático do evento porque se propõe pensar de que maneira pode ser possível a filosofia ou a prática da liberdade genuína em tempos de perseguição, e em culturas onde qualquer tipo de liberdade é vista como um ato criminoso. Esse estudo será apresentado em três momentos: 1) Uma breve apresentação geral do Filósofo em questão e seu contexto histórico; 2) Mostrar de que maneira Al Farabi retoma as características práticas do pensamento de Platão e Aristóteles; 3) Por fim, analisar a relevância da distinção entre o esotérico e exotérico na linguagem na mediação do conflito existente entre o filósofo e a cidade.

PROMOÇÃO

